

Fenómenos cognitivos subjacentes ao milenarismo: Quando uma profecia falha

José Soares Martins

Mestre Assistente | UFP

jmartin@ufp.pt

Miguel Cameira

Assistente | Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

da Universidade do Porto

cameira@fpce.up.pt

Resumo

Apresenta-se o conceito de dissonância cognitiva (Festinger, 1957) como o mecanismo cognitivo explicativo do proselitismo que frequentemente sucede a profecias não verificadas. Pormenorizam-se as características da dissonância cognitiva ao nível individual e as tácticas de redução do desconforto provocado pela existência de cognições contraditórias (crença-evidência empírica).

Discriminam-se as condições propostas por Festinger et al (1956) para o surgimento da necessidade de angariar novos crentes para a crença desconfirmada. O processo descrito é ilustrado pelo movimento milenarista estudado por Festinger et al (1956).

São ainda resumidamente focadas crenças/movimentos Milenaristas e ou messiânicos que fazem parte da memória colectiva da cultura ocidental. Estes movimentos são em seguida abordados à luz dos conceitos anteriores.

Abstract

Based on Festinger's (1957), we build on the idea that cognitive dissonance is the cognitive mechanism underlying the proselytism that often follows disconfirmed prophecies. We address the conditions in which new believers are attracted in order to validate the disconfirmed belief. The process is illustrated with the millenarist movement investigated by Festinger et al (1956). We briefly review other millenarist or messianic beliefs and movements that are part of the western collective memory.

I. Do horror à incerteza

1. A redução da incerteza

A nossa comunicação visa reflectir sobre as causas e processos dos movimentos messiânicos, eventualmente os motivos que estão na origem da geração e adesão a esses movimentos e as necessidades satisfeitas por uma determinada crença ou sistema de crenças e os rituais e outros fenómenos ligados à profissão dessa crença. Os motivos subjacentes à adesão e profissão de uma crença religiosa são melhor debatidos no campo da antropo-psicanálise e da metafísica, e ligar-se-ão com a necessidade humana de crer numa força divina superior que explique os fenómenos naturais fora do controle do homem e a necessidade de antecipar provas palpáveis para essa força divina superior (como a vinda de um Messias).

Contudo, a psicologia social (área onde se inscreve a nossa intervenção), na busca de processos básicos que regulam o comportamento, confronta-se frequentemente com a questão do motivo básico da gregaridade. A companhia de semelhantes, está provado, é essencialmente procurada quando nos sentimos ameaçados. O grupo transmite-nos segurança e conforto (e no entretanto ajuda-nos a atingir os nossos objectivos!). Que tipo de situações são para nós mais ameaçadoras? Aquelas em que o inimigo está localizado e sabemos com o que

contamos, da nossa parte e da dele? Ou aquelas em que o perigo é indefinido e incerto? De facto, parece-nos consensual que a incerteza é a maior fonte de ameaça e que mesmo quando conhecemos o inimigo, o que realmente no provoca receio é a incerteza. (Os seres humanos valorizam a certeza mesmo que esta não se justifique e estão dispostos a abdicar de outras mais-valias para verem uma sua predição cumprida...Isto fornece-lhes sentimento de controlo sobre a realidade...).

Como referimos, as normas sociais e grupais nada mais são do que construções destinadas a reduzir a incerteza e a facilitar a interacção e acção colectivas. Como os sistemas sociais de que fazem parte integrante (e dos quais constituem a base), as normas sociais mudam e alteram-se com o tempo. O que era normal acreditar e fazer no século XIX é agora obsoleto e anormal. Ora se os indivíduos procuram a certeza e esta provém do consenso e da estabilidade dos parâmetros pelos quais se regem, porque é que as normas, convenções e padrões sociais mudam? Parece haver aqui um paradoxo! De facto, os indivíduos estão relativamente abertos à possibilidade de mudança gradual das suas formas de pensar, se lhes for oferecida uma perspectiva alternativa suficientemente convincente e consistente...Embora os indivíduos se ancorem firmemente nas suas crenças, implicitamente existe a noção de que se trata realmente de um constructo e que como tal é falível. Por isso, nalguns mais do que noutros existe sempre uma certa abertura. Principalmente se se verificar que outros semelhantes a ela aderiram.

Torna-se assim compreensível porque é que alguns movimentos de ideias e de costumes acabam por se impor e tornar-se dominantes com o tempo, alterando todo o conjunto de convenções embora por vezes à custa de muitas vidas e perseguições. Recordemos os primeiros cristãos no campo da religião, ou de Galileu Galilei no campo da Astronomia, só para darmos dois exemplos.

Assim a necessidade de compreender fenómenos que transcendem a compreensão do homem comum (como a criação do mundo e da vida, o conceito de universo e outras perplexidades com que o homem se defronta) e que encontram apenas respostas relativas e sempre parciais por parte da ciência, estarão eventualmente por detrás das crenças religiosas e de uma força divina transcendente.

Sobre este aspecto que foge um pouco à perspectiva que pretendemos abordar paramos aqui. Várias áreas da psicologia social

fornece-nos ainda achegas importantes sobre os processos psicossociais que atravessam os chamados movimentos messiânicos, como o processo de influência social, nomeadamente a influência minoritária, o fenómeno de conversão, da liderança carismática, do proselitismo e das relações inter-grupais, apenas para nomear alguns.

Processos cognitivos com uma larga componente motivacional, também nos interessam nesta nossa abordagem. Estamos a falar em processos intra-individuais, como a consistência cognitiva e as estratégias adoptadas pelos indivíduos para resolver incongruências entre a sua crença e a realidade observada – no caso dos movimentos messiânicos, o falhanço da profecia, a não-concretização da vinda do Messias.

2. Os fenómenos psicossociais: conversão e proselitismo

A obstinação dos crentes em persuadirem e angariarem aderentes para a sua crença relaciona-se com a necessidade de apoio social para a percepção que os indivíduos têm do mundo e da realidade. Socorrendo-se de Festinger (1950) e do seu conceito de pressão para a conformidade, recorde-se que este autor defendia que a pressão que os grupos exercem nos seus membros para apresentarem um comportamento conforme as regras do grupo, servia dois fins: a locomoção do grupo e a validação da realidade social. Deixando de parte o primeiro que não é pertinente para a presente análise, Festinger distinguia a realidade física da realidade social do ambiente envolvente dos indivíduos. Segundo o autor, os indivíduos estão motivados para adquirirem certezas sobre as suas percepções dessas realidades. A realidade física seria passível de ser testada através dos sentidos (se queremos saber a dureza de um material, podemos testar isso individualmente sem ajuda de ninguém, batendo-lhe com outro material já conhecido e assim adquirindo certeza sobre a dureza do primeiro). Mas sobre a realidade social seria mais difícil adquirir certezas. A impressão que temos deste ou daquele indivíduo, a atribuição de causas a um comportamento percebido, o julgamento de uma qualquer situação social é geradora de dúvidas e interrogações. Os fenómenos sociais seriam pois, segundo Festinger, muito mais geradores de incerteza. Para o teste da realidade social, os indivíduos recorreriam uns aos outros de forma a confrontar as

respectivas opiniões e assim convergirem para um consenso que traria a certeza às suas mentes angustiadas. Neste processo estariam pois as razões da existência das normas, padrões e convenções sociais, da conformidade social, etc.

Armados desta argumentação é fácil transpor os processos grupais descritos para os casos das missões religiosas e para a necessidade dos crentes e fiéis de angariar novos aderentes à sua crença. De facto, um movimento social, seja ele qual for, só se justifica quando o seu ideal, o objectivo que persegue, constitui uma alternativa à perspectiva dominante. Da mesma forma, quanto maior a base de sustentação social desse movimento, maior o seu impacto e maior a sua força persuasora junto da perspectiva dominante. E quanto maior essa base de sustentação, maior a convicção dos seus seguidores de que a sua crença, a sua visão da realidade, está correcta.

De facto não se trata aqui tanto de pressão para a uniformidade que é exercida pelo grupo maioritário mas sim da influência de um grupo minoritário no sentido em que a estudou Serge Moscovici. Todos os movimentos religiosos e ideológicos começam por uma minoria que gradual mas persistentemente vai convertendo outros indivíduos e grupos chegando a atingir dimensões transnacionais.

Assim, o fenómeno da influência minoritária e da conversão está por detrás do conflito e da inovação sociais. Por outro lado, a influência maioritária e a conformidade defende a estabilidade e a conservação do status quo.

Não nos parece que o fenómeno dos movimentos messiânicos que povoam a história do homem seja muito distinto, nas suas linhas gerais, de outros fenómenos como os movimentos artísticos (veja-se o impressionismo no século XIX), literários (a obra de Joyce ou Kafka), político-sociais (como o socialismo) e mesmo científico (recorde-se a Teoria das Revoluções Científicas de Kuhn). Em todos os casos, assistimos ao confronto entre perspectivas, uma estabelecida e com ampla adesão, a outra, opondo-se-lhe minando as bases de sustentação da perspectiva vigente. A vitória dependerá da capacidade de persuasão, a obstinação, a firmeza e os instrumentos de que se serve a minoria para impor o seu ponto de vista.

Em que reside pois a particularidade dos movimentos messiânicos? Os movimentos messiânicos tocam num ponto sensível dos indivíduos.

Como vimos acima, no cerne das necessidades humanas, reside o motivo básico da redução da incerteza. A crença na existência de um Criador pré-existente que cria e governa o Universo segundo leis de que os indivíduos têm conhecimento, possui um efeito calmante e apaziguador nesta angústia de base. Os movimentos messiânicos recordam, reafirmam e empolgam a existência desse Criador e mais ainda tornam-no palpável ao comum dos mortais pelo envio de um seu mensageiro, o Messias. Trata-se de um fenómeno com forte impacto nos indivíduos na medida em que toca em motivos básicos (redução da incerteza e necessidades de poder e controlo) e com um efeito reassegurador. Na base disto, encontra-se também a expectativa da resolução das múltiplas insatisfações e frustrações que povoam a existência humana e que encontram nas predições messiânicas um efeito aliviador que é também recompensador. Aqui revela-se a faceta instrumental das crenças messiânicas para os indivíduos que aderem a elas.

3. A identidade social

Desde o momento em que a crença passa a fazer parte do repertório individual, outros fenómenos psicossociais surgem relacionados com o grupo social de que o indivíduo passa a fazer parte. Nesse aspecto, as diferenças relativas aos outros grupos sociais não são estruturalmente diferentes. Dado o conteúdo da identidade social em causa, baseado que é numa crença altamente valorizada, a identificação ao grupo espera-se também elevada.

Assim, quando existe uma elevada identificação grupal, espera-se também que os fenómenos intra e inter-grupais sejam também exacerbados. Os membros do grupo que se desviam da norma são oprimidos, os líderes idolatrados, os leigos ou não possuidores da crença são vistos como potenciais candidatos ou então menosprezados.

II. A análise dos mecanismos cognitivos da profecia ou do pensamento profético

De acordo com Festinger, Riecken e Schachter (1956), um homem de convicções é à partida, um indivíduo difícil de mudar de opinião, não aceitando o desacordo do outro, nem os factos, nem a lógica. Trata-se acima se tudo de proteger uma crença para evitar a dissonância que uma ideia contraditória poderá provocar. É nesse sentido que de um modo paradoxal, Festinger et al (1956), defendem que se um indivíduo com uma crença muito forte, que tenha levado a cabo acções na defesa dessa crença se vir confrontado com uma evidência inequívoca de que a sua crença estava errada, poderá acreditar ainda com mais fervor nessa crença, sendo capaz de se tornar ainda mais convincente perante os outros na defesa dessa mesma crença e no proselitismo. No entanto, como Festinger et al o afirmam tal só se verificará se ocorrerem estas cinco condições:

1. A crença deve ser suportada com uma profunda convicção e deve ter alguma relevância para a acção, ou seja, para aquilo que o crente faz ou como se comporta;
2. O indivíduo para suportar essa crença deve estar comprometido com ela, ou seja por causa dessa crença ele deve ter levado a cabo alguma importante acção que é difícil de pôr em causa;
3. A crença deve ser suficientemente específica e ligada ao mundo real para que os acontecimentos possam de uma forma inequívoca pôr em causa as crenças ou refutar essas mesmas crenças;
4. Esta incontestável evidência desconfirmatória deverá ocorrer e deverá ser reconhecida pelo suporte sustentador da crença no indivíduo;
5. O crente individual tem que ter um suporte social. É pouco provável que um crente isolado possa suportar um tipo de desconfirmação tão evidente como o que foi apresentado. Se contudo o crente é membro de um grupo de indivíduos convictos, que possam suportar-se uns aos outros, será de esperar que a crença se mantenha e que os crentes tentem avançar no proselitismo e persuadir não membros de que a crença está correcta.

De acordo com os autores, os dois primeiros pontos ou condições especificam as circunstâncias que poderão tornar a crença resistente à mudança. Por outro lado, assinalam os factores que poderão exercer uma grande pressão sobre o crente para rejeitar a sua crença. É perfeitamente possível que um indivíduo mesmo profundamente convencido da sua crença possa rejeitá-la face a uma inequívoca desconfirmação. É no entanto importante ter em linha de conta uma quinta condição especificando as condições em que o sujeito poderá engendrar um novo fervor com vista a manutenção da sua crença...

No dizer dos autores estas cinco condições especificam as circunstâncias sob as quais um aumento de proselitismo possa ser esperado após uma desconfirmação.

Tipicamente os movimentos messiânicos e milenaristas estão organizados à volta da predição de futuros eventos. As condições anteriores apenas ficam satisfeitas, contudo, se estes movimentos especificam uma data ou um intervalo de tempo dentro do qual ocorrerão os acontecimentos previstos com o detalhe com o qual se esperaria que acontecessem. Por vezes, o acontecimento previsto é uma segunda vinda de Cristo, o início do reino de Cristo sobre a terra. Por vezes trata-se da destruição do mundo devido a um cataclismo, muitas vezes acontecendo que um grupo escolhido poderá escapar do desastre. No entanto, seja qual for o acontecimento previsto o que é certo é que a sua natureza e o tempo da sua ocorrência satisfaz o terceiro ponto das condições apresentadas. A segunda condição implica um comportamento de comprometimento com a crença. Se alguém acredita de facto na profecia (a primeira condição), por exemplo, que numa dada data o mundo vai ser destruído pelo fogo, que os pecadores morrerão e os bons serão salvos, essa pessoa levará a cabo uma série de acções tendo em linha de conta esses acontecimentos futuros. Através destas acções e de declarações estabelecem um forte comprometimento com aquilo em que acreditam. A quarta condição tem a ver com o facto de que o previsto não ocorre e a este nível eles sabem que o mesmo não ocorreu. Finalmente a quinta condição é geralmente satisfeita, estes movimentos devem atrair aderentes e discípulos. Tal facto deverá ocorrer porque os crentes à partida apoiam-se uns nos outros.

1. O mecanismo da dissonância cognitiva e o aumento do proselitismo

A pergunta que se coloca é a de como poderá aumentar o proselitismo a seguir a uma desconfirmação? Como poderemos explicar um facto aparentemente paradoxal? Através dos conceitos de consonância e de dissonância talvez consigamos chegar a uma compreensão do mecanismo subjacente a este fenómeno.

Para já torna-se necessário analisar estes dois conceitos. Dissonância e consonância têm a ver com o modo como as cognições se relacionam, sendo as cognições, as opiniões, as crenças, os conhecimentos acerca do meio, e o conhecimento das nossas acções e sentimentos. Duas opiniões ou crenças de um determinado conhecimento, são dissonantes uma com a outra se forem incompatíveis uma com a outra ou seja se forem à partida inconsistentes. Por exemplo um fumador sente um enorme prazer em fumar mas sabe que tal prazer poderá provocar o cancro. São duas cognições que não formam um todo harmonioso logo serão dissonantes e provocarão mal-estar e tensão. Este mal-estar ou tensão deverão ser reduzidos através da diminuição dos elementos dissonantes ou então deverão ser reduzidos através da diminuição dos elementos dissonantes ou do aumento dos consonantes. Daí que numa situação de desequilíbrio e de tensão, o sujeito poderá tentar mudar uma ou mais crenças, opiniões ou até comportamentos envolvidos na dissonância. Estas tentativas poderão apresentar uma destas três formas: O indivíduo poderá mudar uma ou mais crenças, opiniões ou comportamentos envolvidos na dissonância, poderá buscar e adquirir nova informação ou novas crenças que possam aumentar a consonância existente o que poderá provocar uma diminuição total da dissonância ou então reduzir a importância daquelas cognições que se encontram numa situação dissonante; teoricamente qual será então a situação de um crente face à desconfirmação num movimento messiânico? Ele tem uma crença fortemente suportada. Por exemplo a segunda vinda de Cristo, crença esta que é suportada por outros membros do engajamento em múltiplas actividades que são à partida completamente consistentes com as crenças desse indivíduo. Por outras palavras, as relações entre as mais relevantes cognições são consonantes; então qual o efeito da desconfirmação, qual é o efeito do acontecimento

inequívoco que denuncia à evidência ao crente que a profecia estava errada? A desconfirmação introduz uma dissonância dolorosa. O facto de acontecimentos previstos não ocorrerem é dissonante para a continuidade da crença, para a continuação da profecia e para a manutenção da ideologia sob a qual a profecia era o elemento central. O falhanço da profecia é também dissonante com todas as acções que o crente levou a cabo na preparação deste momento; a magnitude da dissonância dependerá, como é evidente da importância da crença para o indivíduo e da magnitude da actividade desenvolvida na preparação da ocorrência dessa crença; no tipo de movimentos como os messiânicos, a crença central e a ideologia subjacente são usualmente de importância crucial para a vida dos crentes e por isso a dissonância é mais forte e por isso mesmo mais dolorosa de ser tolerada. Então numa situação destas seriam de esperar esforços no sentido de eliminar a dissonância ou de pelo menos reduzir a sua magnitude; a dissonância poderá ser largamente eliminada se ela puser em causa a crença que não se cumpriu, poderá pôr termo a um comportamento que se iniciou na preparação do evento confirmatório da profecia, voltando o sujeito a uma conduta mais de acordo com a existência usual. Ou seja, este tipo ou padrão de comportamento poderá ocorrer. Mas frequentemente o comportamento de compromisso com o sistema de crenças é tão forte, que poderá ser preferível para tolerar a dissonância admitir que alguém se enganou e que os sistemas de crenças estão correctos. Neste caso particular a dissonância não poderá ser eliminada abandonando a crença; alternativamente, a crença poderá ser reduzida ou eliminada se os membros do movimento efectivamente não quiserem ver ou se se recusarem a ver que a predição não foi cumprida. Muita gente, incluindo membros destes movimentos messiânicos, estando ligados ou em comunicação com a realidade, tentarão ignorar o que aconteceu.

2. Dossier I:

2.1. A comunidade de Lake City

Em finais de Setembro de 1956, o jornal Lake City Herald publicava uma profecia estranha a qual dizia que um cataclismo destruiria Lake City em 21 de Dezembro. A autora da profecia, a senhora Marian Keech,

afirmava que a mensagem havia sido recebida de uns seres superiores, habitantes do planeta Clarion. Estes seres haviam visitado a Terra em discos voadores. Quanto ao cataclismo para além de destruir Lake City iria submergir toda a costa oeste desde Seattle até ao Chile na América do Sul.

Uns nove meses antes da profecia ter sido avançada, a senhora Keech começou a receber mensagens em escrita automática, mensagens essas provenientes de seres que habitavam o espaço exterior ao sistema solar, sendo que esses seres a procuravam instruir afim de que pudesse avisar a população da Terra para um cataclismo iminente. Esta crença começou a espalhar-se entre as pessoas próximas da senhora Keech e por volta de Setembro desse mesmo ano ela já contava com um pequeno grupo de fiéis seguidores e crentes. Entre estes encontrava-se o Dr. Thomas Armstrong, um físico da cidade. Este espalhou a palavra entre um grupo de estudantes que se costumavam encontrar em sua casa regularmente com a finalidade de discutir problemas espirituais e cosmológicos. Por sua vez o Dr. Thomas Armstrong e a mulher encontravam-se regularmente com a senhora Keech.

Durante vários meses, os grupos de Lake City e do Dr. Armstrong (Collegeville) levaram a cabo uma série de encontros em que discutiram as lições provenientes do espaço exterior, preparando-se assim para se salvarem do cataclismo. À medida que o mês de Dezembro se ia aproximando muitos membros abandonaram os seus empregos, outros abriram mão das suas posses e outros falaram em público das suas convicções.

Em Dezembro o Dr. Armstrong foi demitido do hospital em que trabalhava o que foi amplamente publicitado.

Pela tarde de 20 de Dezembro ou seja na véspera do cataclismo ocorrer, a senhora Keech recebeu uma mensagem com instruções para o grupo. Nela era dito para o mesmo se preparar para receber a visita dos seres extraterrestres a qual ocorreria à meia-noite do dia 21 com o fim de resgatarem e salvarem os crentes do cataclismo. Ou seja tanto os crentes do grupo de Lake City como os de Collegeville.

No dia anunciado os crentes estavam reunidos e preparados para a sua viagem redentora. Os últimos minutos antes da meia-noite foram vividos de uma forma tensa e ansiosa, já que eles nada mais tinham que fazer a não ser esperar. No entanto a meia-noite chegou e quatro

longos minutos passaram da meia-noite sem que nada acontecesse. Ninguém falava. Gradualmente uma atmosfera de desespero e de confusão foi tomando conta dos presentes. No entanto não obstante as evidências, a senhora Keech e o Dr. Armstrong procuravam reiterar a sua fé. Por volta das quatro horas da manhã o grupo encontrava-se à beira do colapso e da dissolução com a dúvida fortemente instalada. Foi então que a senhora Keech recebeu uma mensagem em que era dito que a Terra havia sido salva por Deus devido à fé dos crentes do grupo e que estes deveriam espalhar a notícia. Esta mensagem foi recebida com grande entusiasmo já que se tratava de uma explicação perfeitamente congruente com a crença deles. A partir daqui e seguindo o exemplo da senhora Keech, os crentes presentes procuraram entrar telefonicamente em contacto com os jornais para anunciarem a boa nova!

No entanto entre os sujeitos do grupo de Colledgeville que não haviam estado naquela noite em Lake City instalou-se paradoxalmente a dúvida e o desfecho anunciado não os convenceu.

A comparação entre os dois grupos e as duas situações, Lake City versus Colledgeville, permitiu verificar um ponto fundamental para explicar o proselitismo ou a sua ausência ou seja a importância do suporte social. Enquanto em Lake City este esteve presente e os crentes puderam assistir juntos e in loco à chegada da mensagem redentora, os elementos que haviam permanecido em Colledgeville haviam estado ausentes deste processo não abraçando um comportamento proselitista, antes abandonando o grupo de crentes.

3. Dossier II: Frederico II

3.1. O nascimento da crença sustentadora do movimento

Todos sabemos que no decorrer do século XIII surgiu, paralelamente às crenças emergentes do Apocalipse de S. João e dos Oráculos Sibílicos, uma outra crença cuja origem se encontra nos escritos de Joaquim de Fiore, um monge calabrês que viveu entre os anos de 1135 e 1202 (Delumeau, 1997).

De acordo com este monge eremita, havia um sentido oculto nas escrituras que era necessário descodificar, e ele, Joaquim de Fiore defendia que estava na posse da chave da sua decifração quando apli-

cada aos acontecimentos e às personagens do Antigo Testamento e do Novo Testamento e ainda dentro deste e de um modo particular ao livro do Apocalipse de S. João. Assim, de acordo com Joaquim de Fiore existiriam três idades no desenvolvimento da história sagrada. A do Pai ou da Lei, a segunda idade seria a do Filho ou do Evangelho ou da Boa Nova e finalmente a terceira idade, seria a do Espírito Santo ou do Espírito, que sucederia às idades anteriores, dominadas, a primeira pelo terror e pela servidão, e a segunda pela fé e pela submissão filial. Ora esta terceira idade seria a idade do amor, da alegria e da liberdade, em que, de acordo com Cohn (1970) Deus se revelaria directamente nos corações dos homens. Nesta terceira época histórica pode-se ver equacionada e em traços muito evidentes o tema do Milénio. Seguindo de perto Cohn (1970), verifica-se que para o monge calabrês, cada grande etapa por ele descrita seria precedida de um período de incubação. Assim a incubação da primeira idade teria ocorrido entre o surgimento de Adão e Abraão. A incubação da segunda etapa entre Elias e Cristo, tendo a incubação da terceira etapa se iniciado com S. Bento. De acordo com os cálculos de Joaquim de Fiore (segundo de perto o Evangelho de S. Mateus), teria havido quarenta e duas gerações entre Abraão e Cristo (trinta anos cada geração), mantendo as quarenta e duas gerações do Antigo Testamento, contadas agora a partir do nascimento de Cristo, tudo levaria a crer que a idade do Espírito Santo se iniciaria por volta de 1260, atingindo a história dos homens o seu apogeu entre os anos de 1200 e 1260. Esta data inauguraria portanto a entrada no Milénio.

Ora seguindo de perto Cohn (1970), caberia a uma nova ordem de monges preparar o caminho para a nova grande etapa que se aproximava, anunciando a boa nova ou seja o novo evangelho. É assim que Joaquim de Fiore nos fala de doze patriarcas que converteriam Israel e nos fala de igual modo de um chefe supremo, um Novus Dux, a quem incumbiria a missão de conduzir a humanidade nessa nova etapa que estava prestes a ocorrer. No entanto, antes da entrada nesta nova idade, mais concretamente três anos antes, o mundo estaria sob o domínio do Anticristo. Só com a vitória sobre o Anticristo se entraria na idade do Espírito Santo ou seja no Milénio anunciado pelos antigos profetas.

Estas ideias foram estudadas e seguidas sobretudo entre os chamados Franciscanos Espirituais (facção minoritária no interior da ordem)

que no seu magistério as foram espalhando pela Europa, tendo surgido grupos extremistas que quer no sul quer no norte do continente defendiam estas ideias dando-lhes inclusive um cunho revolucionário e social.

3.2. Frederico II, imperador dos últimos dias

Como se verificou, Joaquim e Fiore nas suas profecias falava de um mestre supremo, de um Novus Dux a quem caberia o papel de guia espiritual na entrada do novo ciclo. Ora tudo parecia indicar ser Frederico II o Novus Dux anunciado por Joaquim. Em primeiro lugar porque o imperador apresentava um fortíssimo carisma, fundamental nos líderes dos movimentos messiânicos/milenaristas, sobretudo quando se trata de movimentos de orientação dualista como será o caso (e.g Aldrige, 2000). Além de um grande militar (havia reconquistado Jerusalém, tendo aí sido coroado rei em 1229) também havia sido várias vezes excomungado por heresia e blasfémia pelo papado e era senhor de uma enorme inteligência e forte personalidade. Seria ainda um homem de excessos (crueldade, libertinagem, etc.), alguém que mais de uma vez havia ameaçado Roma pelas suas riquezas, as quais, para ele, Frederico, eram a causa de toda a corrupção.

De acordo com Aldridge (2000), o líder carismático é legitimado pelas qualidades assumidas pelo próprio, que a partida são extraordinárias (o crédito idiossincrático que lhe é atribuído pelos seus seguidores).

Tudo isto concorreu para que Frederico II tenha sido visto como o castigador da Igreja e da sua corrupção (aqui a Igreja seria tida como o Anticristo que teria de ser vencido). É sobretudo a partir de um manifesto de um dominicano dissidente alemão de nome Arnold que as coisas se precipitam e se estruturam. De acordo com este monge, em 1260 realizar-se-iam os desígnios de Deus (a sua vontade havia-se, segundo ele, manifestado nele e nos seus seguidores) e essa vontade consistia em privar a Igreja da sua autoridade surgindo eles como essa autoridade. Os bens da Igreja (o Anticristo), deveriam ser confiscados e distribuídos pelos pobres (os únicos verdadeiros cristãos). Mas para que essa grande revolução espiritual e social se realizasse teria de ter como líder o imperador do Últimos Dias Frederico II. Ora segundo Arnold, o imperador estaria disposto a dar o seu apoio e o seu contributo.

Frederico torna-se pois um líder messiânico e como Novus Dux ergue-se como o inimigo do Anticristo (as profecias de Joaquim de Fiore estruturaram-se e ganham adeptos)

O magistério de Arnold dirigido aos pobres fez com que se começasse a formar um grande movimento revolucionário tendo como figura emblemática Frederico II. De facto, como nos diz Cohn (1970), esta propaganda teve o condão de desencadear levantamentos entre os artesãos da cidade de Hall, tendo sido expulsos membros do clero e gente de posses.

Por outro lado, o papado havia colocado a Alemanha sob interdito o que significava que os sacramentos não podiam ser administrados. Logo o povo estaria à partida condenado. Aqui vamos encontrar alguns elementos interessantes, por um lado a ameaça exterior do papado, que a dada altura começa a ser visto como o Anticristo, por outro uma situação social que fazia crescer a ansiedade entre as populações acicatadas pela pregação de Arnold e outros seguidores, factores que farão crescer a coesão no movimento e igualmente fortalecer a crença cuja realização se torna imperiosa e óbvia.

Ora um acontecimento vem deitar por terra todo este edifício. A morte de Frederico em 1250 ou seja dez anos antes de 1260.

De acordo com Festiger et al (1956), estas são as condições que deverão estar presentes para que aquando do falhanço de uma profecia esse acontecimento crie uma situação de dissonância cognitiva que terá de ser forçosamente resolvida.

1. Temos uma crença que era suportada por uma profunda convicção, crença essa que deveria ter relevância para a acção;
2. Os indivíduos que a suportavam estavam comprometidos com ela, sendo as acções dela decorrentes e os acontecimentos previstos difíceis de serem postos em causa;
3. Os crentes estavam comprometidos com essa crença e acreditavam que eram os eleitos que comungariam desse reino de maravilhas. Para tal estavam empenhados em acções e prontos para tudo;
4. A crença era suficientemente específica e ligada ao mundo real. Tratava-se de vergar o poder de Roma e dos poderosos por forma a preparar a entrada no Milénio. O momento de tal

mudança era de antemão conhecido. Grandes acontecimentos ocorreriam por volta de 1260!

Ora a morte do monarca em 1250 veio deitar por terra tais expectativas (veja-se o seu paralelo com a morte de D. Sebastião ou mais tarde com a morte de D. João IV em Portugal).

De acordo com Festinger et al (1956), esta evidência ou seja o falhanço da profecia deveria ser conhecida pelos crentes. Facto que ocorreu.

Na verdade a morte de Frederico foi um golpe profundo nos adeptos alemães que assim se viram privados do seu salvador. Mas também curiosamente para as hostes italianas ligadas ao papado, que numa visão inversa dos acontecimentos haviam visto em Frederico o Anticristo.

Ainda de acordo com Festinger et al (1956), mesmo perante esta evidência seria de esperar que a crença se mantivesse através da introdução de elementos consonantes no sentido da diminuição da dissonância, facto que à partida seria seguido do proselitismo. Pensamos que também estas duas condições se verificaram neste caso.

De facto pouco depois de ter ocorrido a morte de Frederico II, surgiu um rumor de que o imperador ainda estaria vivo. E à volta desta evidência várias seriam as versões:

1. O imperador teria sido expulso da Alemanha pelo papa (o Anticristo), versão que reforçava a crença no seu Salvador;
2. Estaria a cumprir longe da sua pátria uma longa penitência, preparando-se assim para um regresso em glória (viveria no mundo como simples eremita ou como um humilde peregrino);
3. Teria mesmo partido por vontade própria não se sabe porque ocultos desígnios. Curiosamente em Itália e na Secília também o haviam visto em circunstâncias extraordinárias. Um monge vira Frederico entrar para a boca do Etna, lugar de residência dos heróis míticos ou até mesmo o inferno.

É assim que Frederico, tal como mais tarde D. Sebastião, se torna num imperador Adormecido que haveria de voltar um dia.

Estas narrativas terão alimentado as crenças de gerações de alemães sempre à espera do regresso do seu imperador.

Segundo Cohn (1970), verificar-se-á trinta e quatro anos depois da sua morte um regresso de Frederico, sobretudo num a fase de grande

crispação social. A Alemanha encontrava-se numa fase de crescente desintegração, já que o reino se estava a transformar aos poucos num conjunto de principados mais ou menos independentes, mas que não punham em causa a identidade alemã. Esta desintegração era acompanhada de uma grande agitação e ansiedade que abria caminho para o regresso inevitável de Frederico. A situação social alemã também serviria para alimentar grandes expectativas junto do povo sobre o possível regresso do imperador.

Nestas condições, surgem vários Fredericos, sendo o mais famoso aquele que acabaria na fogueira em Weztlar.

Ora esta execução mais não serviu para alimentar ainda mais, junto dos crentes, a fé no imperador do Últimos Dias, já que, segundo uma lenda, ele estaria vivo (na fogueira onde ardera não teriam sido encontrados ossos alguns).

No século XIV, o imperador estaria na posse de uma poção mágica que o tornava infinitamente jovem, aparecendo de quando em vez aos camponeses para lhes anunciar que o seu regresso estaria para breve.

Se seguirmos de perto as abordagens que Cohn (1970) e Delumeau (1997) tecem acerca do conteúdo do livro dos Cem Capítulos do Revolucionário do Alto Reno, não será difícil encontrar a figura de Frederico, o imperador da Floresta Negra que surge como um Messias vestido de branco, com os cabelos brancos como a neve, sentado num trono de fogo a reinar durante mil anos. Havendo aqui já uma junção do imperador com a figura de Cristo. Uma vez mais este imperador será incumbido de destruir os infiéis e igualmente aniquilar o clero, desde o papa até aos frades e freiras, bem assim como os usurários e os homens de leis.

Referências bibliográficas

- Aldridge, A. (2000) *Religion in the Contemporary World. A Sociological Introduction*. Cambridge: Polity Press.
- Cohn, N. (1970). *Na Senda do Milénio: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média*. Lisboa: Editorial Presença.
- Delumeau, J. (1997). *Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso*. Lisboa: Terramar.
- Festinger, L. (1950). Informal Social Communication, *Psychological Review*, 57, 217-282.
- Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognity Dissonance*. Evanston, Ill, Peterson: Row.
- Festinger, L. Riecken, H., & Schachter, S. (1956). *L'Échec d'une Profecie*. Paris: PUF.
- Hogg, M.H. & Abrams, D. (1988). *Social Identifications*. Londres: Routledge.
- Minois, G. (2000). *História do Futuro: Dos Profetas à Prospectiva*. Lisboa: Teorema.
- Moscovici, S. (1979). *Psychologie des Minorités Actives*. Paris: PUF.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. I, II. Lisboa: Horizonte.